

Dossiê

Passagens adolescentes em afrodiáspora: do estado-coisa ao estado de sujeito

Aline Guimarães Bemfica; Maria Cristina Poli

Resumo. Propomos uma reflexão sobre o acolhimento da urgência subjetiva e a orientação de jovens originários da África subsaariana nos serviços da rede de proteção da infância francesa. A partir do acompanhamento clínico de uma adolescente de origem senegalesa, realizado durante um ano em um centro de acolhimento de jovens menores não acompanhados da família e em situação de migração, apresentaremos os pilares de uma práxis psicanalítica realizada nestas condições. Em um segundo momento, abordaremos um caso clínico no qual a urgência subjetiva se apresenta pelo viés da perplexidade como resposta a violações sexuais, errância e exílio vividos em um percurso migratório. Finalmente, refletiremos sobre a apropriação do estrangeiro-íntimo como potencialidade de reedição narrativa e produção de ancoragens diante do trauma.

Palavras-chaves: adolescência; proteção da infância; psicanálise; migração; trauma.

Pasajes adolescentes en afromiaspora: del estado-cosa al estado de sujeto

Resumen. Proponemos una reflexión sobre la acogida de la urgencia subjetiva y la orientación de los jóvenes del África subsahariana en los servicios de la red francesa de protección a la infancia. A partir del seguimiento clínico de una adolescente de origen senegalés, realizado durante un año en un centro de acogida de menores no acompañados en situación migratoria, presentaremos los pilares de una práctica psicoanalítica realizada en estas condiciones. En un segundo momento, abordaremos un caso clínico en el que la urgencia subjetiva se presenta a través del sesgo de la perplejidad como respuesta a las violaciones sexuales, vagabundeos y exilios vividos en un trayecto migratorio. Finalmente, reflexionaremos sobre la apropiación del íntimo-extraño como potencial de reedición narrativa y producción de anclas ante el trauma.

Palabras clave: adolescencia; protección de la infancia; psicoanálisis; migración; trauma.

Adolescent passages in afromiaspora: from the state-thing to the state-subject

Abstract. We propose a reflection on the reception of subjective urgency and the orientation of young people from sub-Saharan Africa in the services of the French child protection network. Based on the clinical follow-up of an

* Psicanalista, doutora e pós-doutora no Programa de pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: alinegbem@gmail.com

** Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: mcepoli@gmail.com

adolescent of Senegalese origin, carried out for one year in a reception center for young minors unaccompanied by their family and in a migration situation, we will present the pillars of a psychoanalytic practice carried out in these conditions. In a second moment, we will approach a clinical case in which the subjective urgency presents itself through the bias of perplexity as a response to sexual violations, wandering and exile experienced in a migratory path. Finally, we will reflect on the appropriation of the foreign-intimate as a potential for narrative re-editing and production of anchors in the face of trauma.

Keywords: adolescence, childhood protection, psychoanalysis, migration, trauma.

Passages adolescents en l'aphrodispora: de l'état-chose à l'état-sujet

Résumé. Nous proposons une réflexion sur l'accueil de l'urgence subjective et l'orientation des jeunes d'Afrique subsaharienne dans les services du réseau français de protection de l'enfance. A partir du suivi clinique d'une adolescente d'origine sénégalaise, réalisé pendant un an dans un centre d'accueil pour mineurs non accompagnés en situation migratoire, nous présenterons les piliers d'une pratique psychanalytique menée dans ces conditions. Dans un second temps, nous aborderons un cas clinique dans lequel l'urgence subjective se présente à travers le biais de la perplexité comme réponse aux violations sexuelles, errances et exils vécus dans une trajectoire migratoire. Enfin, nous réfléchirons à l'appropriation de l'intime-inconnu comme potentiel de réédition narrative et de production d'ancres face au trauma.

Mots-clés: adolescence; protection de l'enfance; psychanalyse; migration; traumatisme.

A comunidade descolonizada é uma caravana universal, uma comunidade de passantes tantas vezes confrontada à corrupção e à doença, às violências sexuais e ao horror da guerra, afirma Achille Mbembe (2010, p. 19).

Anos após a colonização, expostos a inúmeras violências, ainda hoje, jovens africanos deslocam-se de seu país de origem tendo a fuga como única alternativa para encarar o horror das guerras, da prática de casamentos forçados, da miséria, das políticas totalitárias e fascistas, das violências sexuais, físicas e subjetivas, da prática de sequestro de crianças tornadas "crianças soldados" no contexto de guerras.

Nesse contexto dos deslocamentos migratórios, a errância deve ser lida como uma primeira resposta ao desenraizamento, indica Mbembe (2010) ao sublinhar o paradoxo central da descolonização: com a destruição da forma de Estado e das instituições herdadas da colonização, há uma abertura da comunidade para a construção de novas formas de viver em sociedade, mas existe também um período de desenraizamento e peregrinação que marca o início da era pós-colonial.

Sessenta anos após o início da descolonização, as lutas contra as diversas formas de violência decorrentes continuam. A luta dos negros e de outros povos para emergir da grande noite da escravidão e da exploração se atualiza a cada vez em nossa história. Podemos verificar a continuidade dessa luta no contínuo crescimento de adolescentes que, sem escolha e muita coragem, partem em diáspora, "portanto em seus olhos o eldorado" (Guide, 2006, p. 120) e precipitando-se entre a vida e a morte.

Durante o percurso migratório, inúmeros adolescentes são confrontados com o horror da escravização e das violências sexuais que incidem sobre eles de forma traumática, eliminando os sonhos de liberdade e de uma nova vida. A travessia migratória de adolescentes e crianças repete o movimento da comunidade descolonizada. Esta é um corpo em movimento, em uma diáspora contínua, na qual seu centro se move, se desloca e se reconstitui continuamente. A descolonização representa, nesse sentido, insubordinação, ao mesmo tempo em que indica o tempo para passar para outra coisa: "Derrubar os antigos laços de sujeição e ocupar um novo lugar no tempo e na estrutura do mundo" (Mbembe, 2010, p. 18).

Diante da realidade cruel do exílio e do desenraizamento, o citado autor afirma a necessidade de pensarmos junto com esses “passantes potenciais” a construção de novas imagens de pensamento na escrita coletiva e singular do hoje, misturando a memória do passado e a experiência do presente, de modo a tecer formas desejanças de vida nesse tempo de bifurcação para inúmeros futuros inaugurados com a descolonização.

Nesse sentido, o trabalho com a vulnerabilidade e a precariedade no acompanhamento dedicado aos jovens imigrantes não deveria, portanto, atualizar a perspectiva descolonial, como denomina ainda Mbembe (p. 19), “de uma tentativa de passar do estado-coisa ao estado-sujeito”?

Tendo em perspectiva essa orientação, ante os deslocamentos forçados empreendidos por adolescentes, perguntamo-nos sobre os efeitos de uma política integral de acolhimento e orientação de jovens migrantes em situação de exílio. Como e quais ancoragens simbólicas e imaginárias pode o sujeito adolescente encontrar quando o real da violência sexual e da ruptura com suas origens culturais e territoriais vem alterar as rotas e inscrições que o sustentavam no campo social, familiar, político e discursivo?

Conforme assinala o psiquiatra e psicanalista Jean-Hugue Lamy (2020), esses jovens terão que se haver com as perdas de suas referências e de seus marcos culturais e identitários, posto que o estado no qual se encontram é de esgotamento, somado a distúrbios psíquicos patentes ou latentes, consequências de uma série de violências físicas, psicológicas e sexuais sofridas em seu percurso.

Diante da radicalidade da violência sofrida, a singularidade e a subjetividade destes jovens desaparecem como névoa. Entretanto, muitos adolescentes demonstram, pouco a pouco, possibilidades de se lançar na busca de coordenadas, permitindo que retomem o ponto de partida para que, ao cruzar a barreira do trauma, um certo ponto de ancoragem, pela via da palavra e da construção de projetos, possa se apresentar.

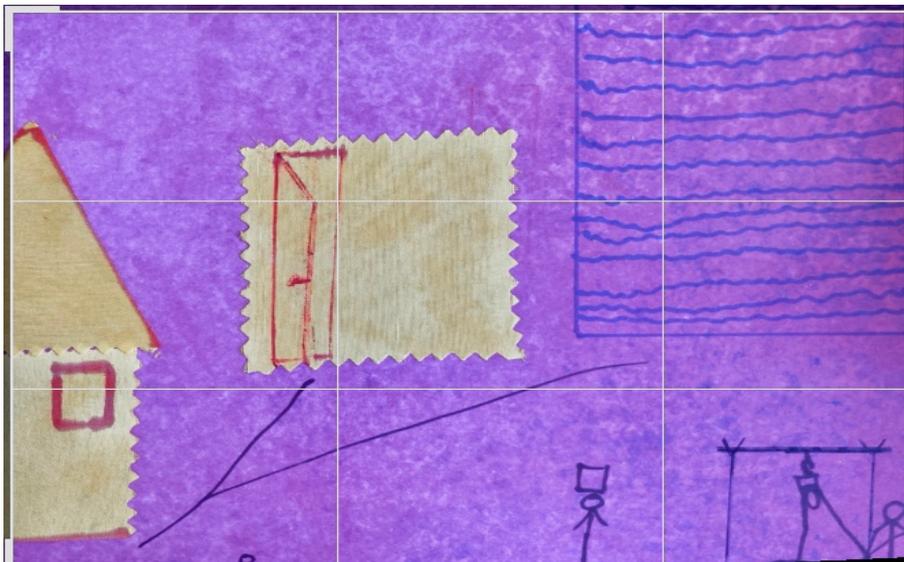


Figura 1: “A partida”¹

¹Desenho realizado em ateliês de escrita por um adolescente maliano recém-chegado de seu percurso migratório, e gentilmente por ele cedido para compor a escrita deste artigo. Os ateliês foram realizados no contexto da pesquisa de pós-doutoramento de Aline Bemfica, com supervisão de Maria Cristina Poli.

O adolescente imigrante e acolhimento

Se levarmos em consideração a problemática central da adolescência, tal como considerada pela psicanálise, como uma operação psíquica (Rassial, 1997), devemos nos ater a três trabalhos que cada um terá que realizar em sua travessia, singularmente: a separação do ideal/fantasma parental, a construção de uma via de canalização para o redespertar pulsional e a reconfiguração do Outro social e familiar².

A operação adolescente diz respeito, portanto, ao redimensionamento de seu lugar no desejo do Outro, ao luto do corpo infantil e à reconstrução de sua imagem. A adolescência é, por isso, uma travessia e um tempo propício à enunciação de uma posição desejante. Por outro lado, é também o momento em que o adolescente é confrontado com a sua estraneidade, a estraneidade de seu gozo e de seu corpo.

Essa operação será aqui articulada no contexto das migrações forçadas de adolescentes, a partir das consequências da violência sexual em sua relação com trauma e o exílio que, conforme assinala La Sagna (2014), estão na base do nascimento da psicanálise e na origem da história do sujeito.

O trauma refere-se, de um lado, à realidade psíquica do sujeito e, de outro, à ocorrência de eventos externos diante dos quais o sujeito deverá posicionar-se. Sendo que, conforme esclarece La Sagna (2014), os fatores traumáticos externos afetam especialmente adolescentes e crianças que sofreram abusos sexuais. Entretanto, na perspectiva freudiana, ele observa, um evento contingente atualiza o trauma estrutural, que é a própria sexualidade.

Mas retomemos nosso terreno de reflexão antes de aprofundar a questão do trauma e do exílio em nossa discussão clínica. Na rota migratória empreendida por estes jovens, entre o deserto e a travessia do Mediterrâneo, o real da morte, o real da escravidão/subjugação e o real da violência sexual são fontes radicais de sofrimento que se impõem a esses adolescentes que passam longo tempo – tempo demais, na posição de objeto-dejeto transportado nas rotas das ilegalidades e recém-chegados do percurso migratório.

O corpo desses adolescentes chega ao país de destino quase desconectado do espírito e do pensamento; a ausência de palavras, a perplexidade, o silêncio, os pesadelos, o isolamento, as crises de angústia e de pânico configuram o quadro psicopatológico inicial de boa parte de adolescentes recém-chegados de uma travessia migratória.

Na França, uma política de atenção integral configura-se como proposta dos *Lieux d'accueil et d'orientation pour les mineurs isolés*, LAO-Taverny 95³. Nesta instituição o acompanhamento integral de adolescentes recém-chegados de um percurso migratório caracteriza-se pela presença de um médico generalista, um psiquiatra, psicólogos, educadores, professores de francês, matemática e esporte, e artistas.

O trabalho em equipe funciona como um espaço de troca e de transmissão das coordenadas e dificuldades dos jovens a fim de construir, a partir de seu acolhimento e dos diversos pontos de vista compartilhados, a sua orientação na rede de serviços de proteção da infância. Nas

² A esse respeito ver Bemfica e Poli (2018)

³O *Lieux d'accueil et orientation pour les jeunes mineurs isolés*, LAO 95, da Cruz Vermelha Francesa, recebe os jovens incumbidos por decisão do juiz de menores no âmbito de uma ordem de colocação provisória (OPP), cuja permanência será em princípio limitada a dois meses (o que permite a passagem de cerca de 180 jovens por ano na estrutura). A equipe irá então avaliar a situação do jovem, desenvolver uma orientação com ele e considerar a solução mais adequada: reagrupamento familiar na França ou no exterior, regresso ao país de origem, colocação junto de um terceiro de confiança, apoiado por uma estrutura de assistência social à infância. O trabalho é realizado em articulação com os vários serviços da Proteção Judicial da Juventude. A esse respeito ver: <https://www.croix-rouge.fr/Actualite/Un-lieu-d-accueil-et-d-orientation-pour-les-mineurs-isoles-etrangers-2101>

reuniões em equipe, discute-se as capacidades e potencialidades dos jovens, seus desejos de formação profissional, o tratamento do sofrimento psíquico no acompanhamento psicológico, a urgência psiquiátrica e a necessidade ou não de internação, a saúde do corpo, as possibilidades reais de inserção na rede de proteção da infância e trabalho, a orientação do jovem nos serviços apropriados, desejados e possíveis.

Nesta equipe, composta por franceses, brasileiros, franco-iranianos, argelinos, espanhóis, africanos e italianos, abordamos as diferenças culturais para refletir sobre as histórias dos jovens acolhidos e as configurações de suas famílias e travessias em questão nas suas vidas. Os jogos de poder, as violências de toda sorte, as diferenças religiosas, as coletividades, os determinantes dos desencadeamentos das crises experienciadas pelos adolescentes, a necessidade da migração, a decisão migratória, o perigo das redes de prostituição, a venda de crianças, a escravidão, as adições, são aspectos considerados nesse acolhimento, buscando perceber a singularidade do trajeto de cada um.

Considera-se também o misticismo africano e a prática de marabutagem⁴, o encontro com uma nova cultura, a apropriação da língua francesa, o recurso da tradução no acolhimento inicial, a construção de uma rede, a chegada da maioridade civil, a necessidade e os limites da escolaridade, a entrada no campo do trabalho, entre outros temas que compõem o vasto campo de reflexão de uma política de proteção integral.

A partir dessa prática de acompanhamento e orientação, apresentaremos a seguir o caso de uma jovem senegalesa de 16 anos acolhida na rede de serviço de proteção da infância francesa. Discutiremos a relação entre perplexidade, trauma e exílio e a função do desejo de saber no acolhimento da urgência subjetiva.

Situação e discussão clínica⁵ : do desejo de morrer à vontade de saber

No desatino de nosso gozo, só há o Outro para situá-lo, mas na medida em que estamos separados dele (Lacan, 1973/2003, p. 533).

Aos quatorze anos, Ningala partiu de seu vilarejo no Senegal em busca de sua mãe, habitante de um outro vilarejo a quilômetros de distância do seu. A última vez que Ningala teve contato com essa mãe foi quando tinha três anos de idade. Essa viagem, um tanto desorientada, precipita-se a partir da morte da avó paterna, responsável pela sua criação. Após o falecimento dessa avó, a jovem sai em busca de sua mãe e de suas origens, em uma completa errância subjetiva. Essa subjetividade errante se traduz como um “lugar nenhum” que o jovem vivencia em seu ser e potencializa o que Lacadée (2011) nomeou como o “risco da adolescência” (p. 12).

A morte da avó desencadeia o quadro de sua errância e contém um enigma relativo à sua origem. Ela escuta, algumas semanas antes de sua avó morrer, uma conversa entre esta e sua vizinha na qual a avó teria relatado que Ningala foi sequestrada por seu pai, retirada de sua mãe e dada à avó para que se encarregasse de sua criação. Em errância, andando a esmo pelas estradas desertas de um vilarejo a 1000 km de Dakar, ela é vítima de um sequestro. O homem que a sequestrou dizia conhecer sua mãe, fazendo referência às semelhanças entre uma e outra. Durante dois anos, Ningala foi submetida a violências físicas, sexuais e psicológicas. Nas várias

⁴ Na África subsaariana um marabutista é um(a) feiteiro(a) que tem poderes de clarividência e de cura e que propõe a resolver todos os tipos de problemas.

⁵ Agradecemos a Fabian Fanjawaks pela escuta delicada na supervisão clínica deste caso atendido por Aline Bemfica no quadro de pesquisa de pós-doutorado.

tentativas de fuga do cativo, Ningala sempre acabava perdendo-se na densa floresta que circundava a casa na qual as violências ocorriam. Ela desconhece como chegou à França, mas sabe que ao chegar saltou do carro e, na queda, foi socorrida por bombeiros que a levaram para o hospital.

Ao acordar, ela não sabia *se estava viva ou morta*, encontrava-se apenas *entre pessoas brancas* na sala e ela nunca tinha visto alguém branco, pensou que *estava no céu*. Após os cuidados médicos, Ningala foi encaminhada para o setor de psiquiatria e, posteriormente, para um primeiro abrigo de jovens migrantes desacompanhados da família.

Essa primeira etapa de seu acolhimento na rede de serviços na França foi caracterizada por duas graves passagens ao ato. Em completo desespero e atordoada pelas vozes que ocupavam sua atividade psíquica, ela sai em fuga e se precipita na estrada colocando-se em risco. Após duas internações psiquiátricas, um novo encaminhamento é realizado para a instituição especializada no acolhimento e orientação desses jovens migrantes, na qual trabalhávamos.

No acolhimento inicial realizado, ela apresenta em sua fala o horror e a perplexidade indicados na única resposta que consegue dar a toda e qualquer questão colocada sobre seu percurso migratório: *Je ne comprend pas* (“Eu não compreendo”). Completamente invadida pelo gozo obscuro do Outro violador, em um estado de total perplexidade e aniquilamento, pouco a pouco ela encontra palavras na língua francesa para reconstruir o motivo de sua fuga do vilarejo onde vivia: *buscar suas origens e saber quem é*.

Em relação ao sequestro e à violência sofrida, ela questiona se teve alguma culpa em relação à situação. Ela diz ter sido *sua responsabilidade entrar no carro da pessoa que a violou, mas essa decisão não significa que ela tenha querido ser violada*.

Após situar esses pontos cardeais concernentes à sua decisão de partir de sua cidade natal, o encontro de um significante mestre utilizado por sua avó para nomear sua existência, o significante *melhor aluna da escola*, permite a ela situar um primeiro ponto de ancoragem que se contrapõe à pulsão de morte: ela quer *saber das coisas*, retomar a escola e dedicar-se a aprender.

O segundo passo realizado por esta adolescente no percurso terapêutico realizado, consistiu em instaurar, a partir de uma lógica binária, as diferenças entre seu país de origem e a França, entre as crianças e os adultos, entre os meninos e as meninas. Em seu discurso, ao cernir as diferenças entre meninos e meninas, ela começa a construir a imagem de seu corpo. Entretanto, ao demarcar essa diferença, o corpo feminino advém de uma fonte de ameaça e responsável pelo seu sofrimento. Uma série de rituais de higiene e anúncios de passagem ao ato se apresentam – o seu corpo deve ser limpo a cada segundo e seus seios devem ser retirados porque, conforme expressa, se ela não fosse uma garota, não teria sido violada.

Temos, então, em um primeiro tempo, marcado pela perplexidade misturada ao horror, a contingência do encontro com o significante de sua avó paterna que situa para ela uma posição deslocada do de puro objeto de gozo do Outro. Ela quer saber das coisas, quer falar bem francês. Seu desejo de saber faz contraponto à vontade de morrer. Em um segundo momento de seu acolhimento, a imagem do corpo construída a partir da diferença entre os sexos possibilita a ela posicionar-se, mas traz também a marca do horror de se haver com um corpo de mulher e, portanto, *um corpo que pode ser violado*.

Ela passa a poder se aproximar dos garotos porque se sente capaz de dizer “não”. Contrapondo o lugar das mulheres em sua história e na França, ela localiza, no discurso da proteção da infância e dos direitos das mulheres, pontos de apoio para se impor. Entretanto, habitar um corpo feminino contém, para ela, a ameaça e a sujeira. A solução radical que se

precipita em sua fala é a retirada de cena desse corpo, numa tentativa de extração do gozo obsceno do Outro que a invadiu. Ela pensa em cortar os seios, entra num quadro de anorexia e nos fala da urgência que se apresenta a ela no que diz respeito à obrigação de seguir os mandatos das vozes imperativas que dizem a ela para *se jogar na linha de trem*. Entretanto, uma outra voz diz a ela que ela *não deve fazer isso*; é a voz de sua avó, que *a educou e a amou como sua filha*, nos diz Ningala.

Seu acompanhamento é integral: aulas de francês, matemática e arte na instituição, retomada da escola, acompanhamento psiquiátrico e psicológico. Ela avança passo a passo e faz uma demanda de identidade ao consulado do Senegal. A situação é delicada e comovente: sem documentação, sem família, sem registro. Após uma longa conversa a assistente social do consulado senegalês resolve tomar seu caso como prioridade, e a chegada de seu documento permite a esta jovem uma primeira inscrição simbólica no país de acolhimento.

Na escola ela faz um grupo de amigos no qual a diferença cultural e sexual é abordada de modo recorrente, exigindo dela um posicionamento. As discussões em seu grupo de amigos e amigas sobre meninas e meninos, consentimento e liberdade são fundamentais para que ela construa uma nova versão do lugar das garotas e das mulheres no mundo. Ela quer se dedicar ao estudo dos direitos da mulher.

Um episódio ocorrido na instituição desencadeia uma nova crise. Ningala faz soar o alarme de seu quarto diante de uma situação iminente de perigo interno ocasionado por um fato externo: um educador entra sem avisar em seu quarto enquanto ela toma banho. Essa situação produz um novo quadro dissociativo, caracterizado por um retorno à cena traumática da violação sexual vivenciada.

Essa terceira internação psiquiátrica teve duração de um mês: ela pensa que está no Senegal, que seu médico é o sequestrador e as enfermeiras, as mulheres que a limpavam após os atos sexuais que era obrigada a realizar. Pouco a pouco, com a regulação da medicação e o acompanhamento psicológico que passamos a realizar dentro do hospital, ela retoma suas atividades, articulando a sua fala a todo um contexto jurídico de proteção da mulher.

Chegado o momento de pensar sua orientação profissional, nos guiamos por três pistas de trabalho por ela apresentados: seu interesse por uma instituição multicultural que lhe permita avançar na construção de suas referências a partir das diferenças apresentadas entre os jovens e suas culturas, a sustentação de seu projeto escolar e o investimento em seu interesse de avançar no conhecimento dos direitos das crianças e das mulheres.

A escuta do trauma

Passemos, agora, a uma discussão clínica mais aprofundada. A situação limite vivida por Ningala nos anos em que esteve sob o domínio de um carrasco que abusou de seu corpo – uma violência tão cruel e abjeta – tem força suficiente para fazer eclodir as categorias psicopatológicas com as quais geralmente operamos. Como encontrar na nosografia um enquadre que permita nomear a experiência subjetiva dessa adolescente? E qual o interesse em fazer essa busca? Em psicanálise, aprendemos que a hipótese diagnóstica tem a função de orientar o trabalho de escuta e de manejo da transferência.

Contudo, em casos como o de Ningala – infelizmente frequentes em situações de imigração e de exclusão social – é preciso considerar que antes do sujeito trata-se de um “enlouquecimento” advindo do campo do Outro. Seriam, portanto, as crises de angústia, passagens ao ato e processos dissociativos perceptíveis no quadro clínico desta jovem passíveis

de ser lidos na composição de um quadro diagnóstico previsto pelas grandes estruturas das neuroses e psicoses? Colocamos aqui esta questão que não nos parece anódina, tendo em vista, além do mais, o momento em que as situações traumáticas foram vividas, momento no qual não havia ainda uma estruturação subjetiva prévia a ser desestabilizada pelos acontecimentos disruptivos.

Assim, é sempre importante lembrar a referência freudiana ao cristal, apresentada por Sigmund Freud (1933), em suas *Novas Conferências Introdutórias*, com suas linhas de formação, como homólogo ao aparelho psíquico. Sob forte abalo, o cristal quebra nessas linhas dando a ver a estrutura de base. Também em Lacan as amarrações borromeanas nos dão notícia de seus enlaces, sobretudo a partir do rompimento de algum de seus elos. Em ambos os autores, a diversidade é virtualmente bem mais ampla do que as duas ou três estruturas normalmente evocadas: neurose, psicose e perversão. Uma e outra perspectiva permitem considerar a possibilidade de novas amarrações do sujeito diante de vivências traumáticas como a escravidão e o abuso sexual.

O questionamento aqui, no entanto, é de outra ordem. Ningala tinha quatorze anos quando saiu em busca de sua mãe e de sua origem e o que encontrou foi o cativo. A violência e o desamparo, vividos no ambiente familiar na sua infância, já estavam, então, colocados em sua história e a conduziram a uma primeira passagem ao ato: a sua “partida errante para o mundo”.

Jacques Lacan (1962-63/2005) refere-se à passagem a ato como um curto-circuito do sujeito, sendo caracterizada por uma queda ou por uma saída do sujeito do campo do Outro. A passagem a ato é uma resposta à angústia, vinculada ao apagamento do sujeito no campo do Outro no qual ele soçobra como resto: “ele se precipita e despenca fora da cena” (Lacan, 1962-63/2005, p. 12). A radicalidade do ato produzido é de instaurar um antes e um depois, afetando o destino do sujeito. Visto que a saída da cena do Outro é uma evasão, Lacan faz corresponder a passagem ao ato à fuga:

O que chamamos de fuga, no sujeito que nela se precipita, sempre mais ou menos colocado numa posição infantil, senão a essa saída de cena, à partida errante para o mundo puro, na qual o sujeito sai de cena à procura, ao encontro de algo rejeitado, recusado por toda a parte? Ele vira fumaça, como se costuma dizer, e, é claro, retorna, o que talvez lhe dê ensejo de ser valorizado. A partida é justamente a passagem da cena para o mundo. (Lacan, 1962-63/2005, p. 130)

Constatamos que a perda da avó produziu um empuxo ao ato que promoveu uma primeira ruptura e a conduziu a uma busca desorientada. A errância de Ningala, que se inicia com a morte da avó, apresenta a perda de seus pontos de referência subjetiva. Em relação ao desencadeamento de sua errância, retomemos com Olivier Douville (2002) a seguinte perspectiva: a errância se refere à falta de inscrição do adolescente no campo do Outro social e familiar e a impossibilidade do sujeito para “superar uma falta de inscrição no que concerne a seu ser e também à sua filiação” (p. 77). Ningala tinha uma inscrição no desejo de sua avó, que ocupava em sua história o lugar materno, mas o enigma referente à sua filiação na sequência do falecimento da mesma faz furo no saber, perturbando essa organização.

Nesse sentido, vale a pena retomar a discussão lacaniana sobre desejo do Outro, em “Nota sobre a criança” (1969/2003), texto no qual Jacques Lacan localiza a constituição subjetiva da criança a partir da irredutibilidade da transmissão de um “desejo que não seja anônimo” (p. 369). A irredutibilidade de uma transmissão que afirme o desejo não anônimo, apresentado como a função de resíduo da família, indica que é o desejo que particulariza o sujeito. Essa inscrição subjetiva deixa traços na constituição psíquica e, no caso desta adolescente, possibilita

a ela não sucumbir completamente à violência extrema da objetalização e do abuso vividos de forma persistente e traumática ao longo dos dois anos nos quais esteve no cativeiro.

Na escuta da equipe de acolhida, este segundo tempo parece desdobrar o trauma da perda da referência materna (ela fora sequestrada pelo pai) com significativo reforço na característica traumática da experiência. O trauma cuja raiz etimológica - nunca é demais lembrar – é ferida, refere-se a um acontecimento real que se inscreve como furo no tecido subjetivo, imaginário e simbólico. Sua expressão subjetiva é nomeada por Ningala como “perplexidade”, algo que surpreende sem se deixar inscrever em categorias prévias. É assim que se dá a chegada desta adolescente à França: primeira vez entre pessoas brancas, sem nem conseguir reconstituir o percurso que a trouxe até ali. Outro mundo. Sonho? Morte? Qual o tecido que suporta essa nova realidade? Ningala não sabe, está devastada e em exílio de si mesma.

Seu acolhimento na rede de serviços de proteção da infância e de jovens em situação de exílio e migração permite o início de uma reconstrução de balizas, de contornos e pontos de apoio espaço-temporais. Ningala se perde algumas vezes, mas começa a organizar um sistema de referências simbólicas que a localizam em significantes que evocam outros tempos: a menina que era boa na escola, que queria saber.

Em relação à reconstrução de balizas, parece-nos fundamental retomar a perspectiva de Lacadée (2011) ao se referir à necessidade de instauração de uma crença na “ambiguidade da língua”, mantendo, em relação a esta, a sua condição de “ser de exílio” (p. 14). A ambiguidade da língua, que é a marca introdutória do sujeito, implica o manejo com os mecanismos de alienação e separação que constituem o sujeito e que contribuem para que ele possa encontrar um “ponto de onde” (p.14) se lançar, a partir de sua posição desejante, no campo do Outro.

Por sua vez, a inscrição jurídica de uma origem que, como salientamos, foi a questão central de sua “saída errante para o mundo” (Lacan, 1964), ou seja, o documento que a reconhece como senegalesa, também promove a estabilização na relação ao Outro. O ponto que permanece desestabilizador é o corpo. Não querer ser mulher acusa o golpe da violência recebida no laço erótico em que os signos da feminilidade indicam o gozo do carrasco.

Em relação ao gozo obscuro do Outro, conforme esclarece Clotilde Leguil (2020), momentos de despersonalização e de desaparecimento subjetivo vêm como resposta ao encontro com um homem na posição exclusiva de predador, especialmente na adolescência. O gozo do carrasco não leva em conta o lado da mulher, nem a presença de seu corpo, nem sua presença, tomando-a como objeto, sem a capacidade de poder responder ou recusar.

O que se apresenta como indizível – os efeitos do trauma vivido, a vergonha, a angústia, as marcas deixadas no corpo, as fraturas subjetivas – revela as consequências sobre o corpo do acontecimento traumático. O ato de ceder ao Outro aquilo que lhe é precioso, sem consentimento, encontra no horizonte o traumatismo, o gozo do Outro sem mediação. Ante a obscenidade da pulsão e do gozo do Outro, manifestada nos atos de violência contra Ningala, que soluções, ainda que frágeis, ela encontra para deslocar-se minimamente da radicalidade da posição de objeto-dejeto submetida ao Outro?

Algumas nomeações encontradas por Ningala possibilitam certo enodamento entre seu corpo e a língua do Outro. O primeiro tempo do traumatismo vivido, a perda de sua mãe e o enigma de sua origem, são balizados pela localização de seu lugar no desejo de sua avó, permitindo a ela certa reedição de sua história ao contrapor o abandono vivido à potencialidade dos laços de amor construídos. O segundo tempo, a perda de sua avó, situação que desencadeia a sua errância confrontando-a à radicalidade de seu desamparo, é redimensionado a partir da

nomeação que ela recupera em seu discurso: a boa aluna, aquela que deseja aprender e que encontrava nos olhos da avó perspectivas de futuro.

No terceiro tempo, a radicalidade do trauma vivida na posição de objeto de gozo do carrasco que a sequestrou foi minimamente balizada através do uso de elementos discursivos extraídos das diferenças do lugar das mulheres e das crianças na África e na Europa, possibilitando-lhe localizar, no discurso jurídico e feminista, elementos que constituem barreira à invasão do gozo mortífero e obscuro.

Conclusão

A problemática migratória de adolescentes confronta todos os cidadãos, em escala mundial, à necessidade de se posicionar ante o horror da escravização e das violências sexuais que incidem sobre eles de forma traumática, eliminando os sonhos de liberdade e de uma nova vida. A prática clínica demonstra que sustentar a singularidade de cada adolescente, localizando com eles os elementos subjetivos, sociais e educacionais relativos às construções de suas ancoragens no país de destino, contribui para que o lugar de objeto-dejeto e estrangeiro experienciado nas rotas migratórias seja redinamizado pelo advento do sujeito em estado nascente.

Diante da realidade cruel das violências vividas no exílio e que produzem, em termos psíquicos, situações de perplexidade e errância, nossa aposta é que o estado de sujeito pode ser acionado a partir de um acolhimento integral do sofrimento e das potencialidades dos adolescentes acompanhados. No que diz respeito ao acompanhamento psicológico de orientação psicanalítica deste caso, conforme apresenta Maleval (2011, p. 132), a perplexidade deve ser escutada como uma experiência fora de toda comunicação que requer, entretanto, a construção de um enigma que serve como baliza de sua posição subjetiva. No caso apresentado, o enigma sobre a filiação permitiu a esta jovem seguir o fio do desejo de vida que se enlaça, minimamente, às novas formas narrativas por ela construídas a partir do discurso jurídico e feminista e que lhe permitem se reposicionar em relação ao trauma e à violência sofrida.

Referências

- Bemfica, A. e Poli, M.C. (2018) Travessias e deslocamento: a adolescência como paradigma dos processos migratórios. In: Lo Bianco, A.C. *Psicanálise e adolescência: pesquisa, clínica e inovação*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Bemfica, A. e Krucken, L. (2020) Pode o exílio ser casa? Poéticas e refúgios singulares. *Se essa rua fosse minha eu estaria em casa*. Cas'aEdições, Belo Horizonte.
- Douville, O. (2006). *De l'adolescent errant dans nos mondes contemporains*. Hal archives-ouvertes. <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00113256/document> . Acesso em: 9 de dez. 2021
- Freud, S (1933). A dissecção da personalidade psíquica. In S. Freud, *Novas conferências introdutórias*(Obras Completas, vol. 18, p. 192-223). Rio de Janeiro: Cia das Letras.
- Gaudé, L. (2006) *Eldorado*. Paris: Babel.
- La Sagna, P. *Le malentendu du trauma*. Disponível em :<https://www.cairn.info/revue-la-cause-du-desir-2014-1-page-40.htm>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

- Lacadée, P. (2011). *L'éveil et l'exil*. Enseignements psychanalytiques de la plus délicate des transitions : l'adolescence. Paris: Editions Cécile Default.
- Lacan, J. (1969/2003) Nota sobre a criança. In J. Lacan, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 369-370.
- Lacan, J. (1973/2003) Televisão. In J. Lacan, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 508-543.
- Lamy, J.-H. (2020) Ma vie ailleurs. In: Bemfica, A. e Krucken, L. Pode o exílio ser casa? Poéticas e refúgios singulares. *Se essa rua fosse minha eu estaria em casa*. Cas'aEdições : Belo Horizonte.
- Mbembe, A. (2010) *Sortir de la grande nuit*. Essai sur l'Afrique décolonisée. Paris : Editions de La Découverte.
- Maleval, J.-C. (2011). *Logique du délire*. Rennes: PUR
- Poli, M.C. (2014) *Clinica da exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente*. 2. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rassial, J.J. (1997) *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes & Ofícios.

Revisão gramatical: Lucy Moraes Rosa Petroucic.

E-mail: lupetroucic@gmail.com

Recebido em julho de 2022 – Aceito em novembro de 2022.
